



A LÍNGUA MATERNA E A ETNIA COMO PILARES FUNDAMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E SOCIAL

MOTHER TONGUE AND ETHNICITY AS FUNDAMENTAL PILLARS IN THE CONSTRUCTION OF CULTURAL AND SOCIAL IDENTITY

Afonso Teca¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0774-8216>

Resumo

Este artigo discute a temática da língua materna e a etnia como pilares fundamentais na construção da identidade cultural e social. A realidade do nosso país revela que a juventude vive uma crise de identidade cultural fruto da globalização, urbanização acelerada, gentrificação, mudanças sócias e económicas e a falta de políticas de preservação por parte do nosso governo. Obviamente, sociedades vulneráveis culturalmente como a nossa, esses factores estão a promover a homogeneização cultural, visto que se observa a substituição das culturas locais por influências externas dominantes, cujo resultado é a perda de tradições e a consequente desorientação cultural. O avanço da tecnologia consubstanciada na internet, inteligência artificial e outros, reforçam o afastamento dos jovens da sua identidade cultural. Deve-se saber que as sociedades multilíngues e multiculturais existem através das suas línguas, que transmitem e preservam o conhecimento e as culturas tradicionais de forma sustentável.

Palavras-chave: Língua materna; Etnia; Identidade; cultura; sociedade.

Abstract

This article essentially discusses the themes of mother tongue and ethnicity, which, in our view, constitute the cornerstones of cultural and social identity, and which our youth have been vilifying. Today, our professional experience, as academics and pastors, has been a great teacher regarding the identity crisis our youth are experiencing. The reality of our country reveals that youth are living through a cultural identity crisis resulting from globalization, accelerated urbanization, gentrification, social and economic changes, and the lack of preservation policies on the part of our government. Obviously, in culturally vulnerable societies like ours, these factors are promoting cultural homogenization, as we observe the replacement of local cultures by dominant external influences,

¹ E-mail: afteca201@gmail.com. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Teologia e da Licenciatura em Teologia da Universidade Metodista de Angola, Luanda e da Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Humanidades

resulting in the loss of traditions and consequent cultural disorientation. In an interactionist approach, we discuss this topic, demonstrating that language and ethnicity are fundamental pillars of identity because they function as the main vehicles for transmitting values, histories, and belonging. Therefore, they shape how we interact with the world and how others recognize us within a society. The advancement of technology, embodied in the internet, artificial intelligence, and others, reinforces the distancing of young people from their cultural identity. It should be understood that multilingual and multicultural societies exist through their languages, which transmit and preserve knowledge and traditional cultures in a sustainable way.

Keywords: Mother tongue; Ethnicity; Identity; Culture; Society.

Introdução

O Dia Internacional da Língua Materna é celebrado anualmente a 21 de fevereiro. Em 2026, a celebração destaca a "Educação Multilíngue" como pilar para a inclusão, focando no papel da juventude na construção do futuro da educação multilíngue e na valorização das línguas de origem para preservar a diversidade cultural e linguística global, promovida pela UNESCO. As vozes da juventude sobre a educação multilíngue sublinham que a língua é mais do que um meio de comunicação: é fundamental para a identidade, a aprendizagem, o bem estar e a participação na sociedade.² A celebração reforça a importância de sistemas educativos que reconheçam e valorizem a língua de cada aluno, de forma a apoiar a inclusão e os resultados da aprendizagem. Ao nível local várias actividades académicas e científicas foram realizadas com destaque para o colóquio realizado na Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho, cujo lema foi: Línguas que nos Diversificam, Educação que nos une e nos Enriquece no Processo de Construção da Nação, organizado pelo departamento de pós-graduação. A ideia de celebrar o Dia Internacional da Língua Materna foi uma iniciativa do Bangladesh, aprovada na Conferência Geral da UNESCO em 1999, e é assinalada em todo o mundo desde 2000. As sociedades multilíngues e multiculturais existem através das suas línguas, que transmitem e preservam o conhecimento e as culturas tradicionais de forma sustentável.

O presente artigo tem por tema principal a questão da identidade e do papel da língua e da etnia na constituição da mesma. Angola é um país onde coabitam diferentes etnias e línguas que destilam diferenças culturais que boa parte da sua juventude ignora fruto da globalização. Vive-se na diversidade linguística e cultural que é ignorada pela juventude por conta da globalização. Será que a globalização significa diluição da identidade individual e colectiva? Será que o foco é desvincular as pessoas das suas etnias? Será que com a globalização torna-se irrelevante a diferença étnica, biocultural e social? O artigo busca responder estas questões através de uma pesquisa bibliográfica e faz jus à experiência do próprio pesquisador numa abordagem descritiva exploratória e explicativa para compreender fenómenos profundos, significados, comportamentos e motivações que estão na base do desinteresse da juventude em valorizar as línguas nacionais e as etnias da

² (<https://www.unesco.org/en/days/mother-language?hub=6333>)

sua própria origem que são pilares fundamentais da identidade social e cultural em detrimento de línguas estrangeiras.

A discussão concerne a realidade sociolinguística angolana limitando-se na demonstração do valor da língua materna e da etnia como relevantes para a identidade individual e grupal. O artigo visa defender o valor da língua materna e a etnia demonstrando que elas funcionam como os pilares fundamentais da identidade colectiva e individual. Elas garantem o sentimento de pertencimento, a transmissão cultural entre gerações e a diferenciação entre diferentes grupos sociais. Que a língua vai muito além de um mero instrumento de comunicação; ela é a materialização da visão de mundo de um povo. Outro aspecto que o artigo defende é a descolonização linguística. A política linguística do governo angolano continua omissa não havendo sinais claros para a eliminação ou redução de glotofagia.

1. Clarificação de conceitos

2.1 Língua

O conceito de língua pode fazer referência ao idioma, que é um sistema de comunicação verbal ou gestual próprio de uma comunidade humana. O pai da linguística moderna e fundador do Estruturalismo no início do século XX através do curso da linguística geral (1916), Ferdinand de Saussure (200) afirma que, “a língua é um sistema de signos e um produto social, definido como a parte essencial da linguagem que funciona como um código colectivo, independente do indivíduo. Ela é um conjunto estruturado de elementos (sons e conceitos) onde o valor de cada um depende da relação com os outros”(p. 133). No entanto, graças ao estruturalismo que os estudos da linguagem passaram de uma visão histórica para uma descrição funcional e estruturada da língua.

2.2. Política e planificação linguística africana

A planificação linguística é a área da política linguística preocupada com as intervenções sobre as línguas, sobretudo a promoção de línguas, isto é, a criação de programas de revitalização, manutenção, escrituração, criação de escolas bilíngues e de legislação específica para a questão das línguas. Preocupa-se também com a questão dos direitos linguísticos e do património linguístico. Exemplos de política e planificação linguística podem ser observados nos países como Tanzânia, Etiópia, Gana, Índia, só para citar esses.

Mesmo assim, observando para África, Tamba (2021) constata que a situação sociolinguística é muito complexa, uma vez que o multilinguismo é uma realidade convivendo no mesmo espaço com as línguas europeias, as línguas africanas e asiáticas. Infelizmente a política linguística é tratada a partir das Constituições. Uma análise feita sobre 54 Constituições de países africanos demonstra que há pouca valorização das línguas locais por parte dos documentos oficiais havendo o domínio das línguas europeias em situações oficiais da comunicação. Na educação formal poucos

esforços são feitos em favor das línguas locais. A Declaração dos Direitos Linguísticos não é respeitada porque as línguas africanas não são ensinadas nas escolas. Da pesquisa se conclui que os países africanos precisam de uma independência linguística. Só assim é que se pode resgatar e proteger as diversas línguas autóctones que muitas delas estão em vias de extinção. Uma língua é ao mesmo tempo a cultura de um povo, isso significa que resgatar as línguas africanas seria trazer de volta a autoestima que foi apagada pelo sistema colonial.

Os governos esqueceram-se que, antes da colonização europeia, os povos africanos sempre tiveram uma política linguística local que definia os usos da língua. Cada etnia se identificava com uma língua que era a língua de comunicação. Essas políticas ditavam as regras de ser e de estar em sociedade junto com a cultura. (cf. Textos de Apoio - Política Linguística da União Africana). Essa omissão ou desvalorização das línguas nacionais pelos governantes africanos é responsável pela morte de muitas línguas, pois, a juventude e as famílias do meio urbano ficam desencorajadas a falar essas línguas pois são tratadas como “línguas de atraso” com as quais não se faz nada num mundo em constante evolução. Isso não corresponde com a verdade. Todas as línguas são úteis e podem servir para qualquer situação. Apenas a falta de vontade política dos nossos governantes é o calcanhar de aquiles não havendo por este facto políticas linguísticas claras.

2.1.1. Tipos de línguas

Em termos da Sociologia da linguagem, os governos usam alguns conceitos básicos na distribuição das línguas num país bem como sua hierarquização em termos de aquisição do estatuto legal. Deste modo pode-se observar a seguinte repartição:

Língua oficial

A língua oficial, segundo a UNESCO, é a língua utilizada no quadro das diversas actividades oficiais: legislativas, executivas e judiciais de um país, estado ou território. É a língua consagrada na lei, isto por intermédio da constituição de um país, estado. Nas palavras da Vallalva (2006):

a língua oficial é língua utilizada na escolarização e nos contatos administrativos, oficiais e internacionais dos elementos uma sociedade para quem pode ser, ou não, língua materna. Quando essa sociedade é constituída por comunidades ou grupos de pessoas com línguas maternas diferentes, o Estado determina qual a língua (ou línguas) que deve(m) ser considerada(s) língua oficial. São exemplos desta política linguística certos países africanos como Angola e Moçambique que têm o Português como língua oficial ou, na Europa, o Luxemburgo que tem como língua oficial o Alemão, o Francês e o Luxemburguês (p. 98).

Em Angola, a Constituição (2010) diz que “A língua oficial da República de Angola é o português.” E acrescenta-se ainda: “O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional”.

Língua co-oficial

Alguns países atribuem ainda estatuto de língua oficial a certas línguas em partes do seu território. Essas línguas são línguas co-oficiais nessas áreas, coexistindo com a língua oficial do país. É o caso da língua Portuguesa e da língua Inglesa na China, co-oficiais, respectivamente, em Macau e Hong Kong. O Inglês e o Swahili na Tanzânia. O caso mais sonante nos vem da África do Sul onde constitucionalmente são reconhecidas 11 línguas. Esta diversidade reflete a rica composição cultural do país, garantindo igualdade de estatuto a línguas nativas africanas, inglês e africâner.

Língua nacional

O termo “língua nacional” designa a língua mais importante de uma nação, a língua dominante, falada pela maioria dos habitantes de um país. Por outras palavras, a língua nacional é a língua falada num determinado território que, por reflectir uma determinada herança étnico-cultural, representa um elemento caracterizador de uma consciência nacional e, nos casos mais evoluídos, é também suporte de uma literária autónoma. Para Vallalva (2006, p. 98), língua nacional, vernácula ou nativa, é a “língua utilizada no quotidiano pelos elementos da uma sociedade para quem é língua materna, podendo coincidir, ou não, com a língua oficial dessa sociedade”. Em geral, a língua nacional e a língua oficial coincidem, como acontece em Portugal e no Brasil, em que o Português é simultaneamente a língua nacional e a língua oficial. Igualmente isto pode ser observado em outros países da Europa, e.g. França. Alemanha, Inglaterra, etc. Em Angola, decorridos 50 anos da independência, o país ainda continua colonizado linguisticamente. As seis línguas africanas que detêm o estatuto de línguas nacionais, nada têm a ver com a língua oficial, o Português. Elas são “línguas nacionais”, não pelo facto de estarem expandidas por todo território, mas pelo facto de serem línguas nativas de cada etnia. Dentre elas se destacam o Cokwe, o Helelo, o Kikongo, o Kimbundu, o Kwanyama, o Nganguela (Lucazi) e o Umbundo. Até aqui não se conhece qualquer política linguística pretendendo modificar o estatuto destas línguas.

Língua regional

É uma língua que é falada em uma determinada região ou localidade, ou seja, uma língua local. Um exemplo de língua regional são as que existem em Angola. Angola possui o português como língua oficial, mas abriga uma grande diversidade de línguas regionais (nacionais) de origem bantu. Embora o país não tenha um sistema de federalismo linguístico regional oficial, o Estado reconhece e protege estas línguas, que são predominantes dependendo da área geográfica.

3. Função da língua

A função da língua numa sociedade é uma temática passível de gerar uma discussão interminável, caminho que não queremos trilhar. No entanto, entendemos que as funções de uma língua

numa sociedade têm alguma relação estreita não só com a natureza da sociedade, monocultural e monolíngue ou uma sociedade pluralista e o estatuto que uma determinada língua goza nessa mesma sociedade. Embora as línguas tenham como função essencial a comunicação, não nos parece sensato admitir que todas as línguas, em todas as sociedades, exercem as mesmas funções. Certos fenómenos, entre os quais o multilinguismo, podem ajudar a perceber o que acabamos de afirmar. Também a determinação de língua oficial, em diferenciação com as línguas não oficiais, em resultado do fenómeno supracitado, permite compreender as diferenças estatutárias entre as línguas e, por conseguinte, a diferença de funções. Portanto, o que aqui fazemos é referir-nos a algumas funções consideradas universais de qualquer língua e em qualquer sociedade, em oposição às funções idiossincráticas da(s) língua(s) na(s) sociedade(s). Para além das funções mencionadas, uma outra função da língua de elevada importância é, por assim dizer, dar suporte ao pensamento, promiscuando-se com o mesmo largamente, e cujo diagnóstico depende muito da psicolinguística. Existe, igualmente, uma função estética da língua, embora se confunda, com alguma facilidade, com a função comunicativa e expressiva. Por último, mas não menos importante, apresenta-se-nos a função identificadora da língua que, pela sua relevância, abordamos em separado.

3.1 Funções identificadoras da língua numa sociedade

A função identificadora da língua não é uma estipulação ou uma construção mental. É, sim, uma realidade sociológica. Ela reflete a realidade de que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas o principal pilar da identidade cultural e social. Segundo a Sociolinguística, a língua marca de que grupo, região ou classe social o indivíduo pertence. Assim, com a língua é consciente ou inconscientemente marcada a exclusão ou inclusão social.

No entanto, existem algumas funções da língua que ainda não estão bem exploradas que importa aqui assinalar o modo como se manifestam na prática. Vamos descrever intencionalmente, três:

Função locativa: A primeira é a propriedade locativa (onde), que indica o lugar: Acontece quando a força da língua transfere para um “locus” que pode ser restrito ou difuso. Por exemplo, se um falante de Umbundu se encontrar com um outro falante do Umbundu, fora do território dos Ovimbundu (Huambo, Bié, Benguela) ou no meio de uma multidão não umbundufone ou umbundu falante e, de repente falarem Umbundu, ambos serão imediatamente transportados mentalmente para o seu território que, até pode, por coincidência, ser restrito (mesma província e mesma cidade), uma espécie de remissão à casa ou então, uma transferência para o seu habitat, seu lar de origem. Portanto a língua tem, assim, este poder contagiante. Este “onde” de Umbundu será, por exemplo, muito íntimo, restrito. Desde modo, a língua (re)encaminha sempre para um espaço. Porém, este tanto pode ser um locus restrito, como um continuum.

Função cronológica: Na propriedade cronológica (quando), a segunda da nossa sequência, a força da língua transporta ou transfere para um determinado momento, quer concreto, quer imaginário. Na sequência do exemplo anterior, a língua Umbundu, remeterá também para um tempo,

seja qual for. No caso de Umbundu, este poderá ser um tempo geracional dos interlocutores, mas pode ocorrer um outro caso em que os interlocutores são lusofalantes e se encontram na Alemanha, aqui a função cronológica remeter-lhes-à um colonial bivalente, uma vez que, para um, será o tempo colonial de colonizador e, para o outro, um tempo colonial de colonizado. Deste modo, há sempre, na língua, um tempo, sendo que este tempo da função identificadora da língua concede fecundidade à comunicação, tornando o uso da língua mais ou menos prazerosa, pois esta é utilizada pelo homem, conforme lhe vai dando mais ou menos prazer em usá-la com o seu interlocutor.

Propriedade quo: A última propriedade é entendida como um conjunto de conteúdos que uma língua pode suportar no seu ponto perpendicular entre o locativo e o cronológico, daí designá-la por propriedade “quo”. Esta propriedade *quo* da língua apresenta uma relação estreita com o conceito de língua materna, na medida em que há conteúdos que melhor se exprimem numa língua do que noutra. Aí reside a força da língua materna, por ser a língua de socialização, onde os elementos socioculturais e linguísticos vivem em simbiose. Por exemplo, para um indivíduo de língua materna Kikongo, esta língua poderá ser preferencial para narrar uma historieta, uma fábula tradicional, substituindo o português, língua segunda. A substituição pode explicar-se pelo facto de a língua segunda não corresponder ao formato mental daquele que a narração exige, a fim de poder exprimir com eficácia os conteúdos da língua primeira.

À luz desta perspectiva, admite-se que há formatos de conteúdos linguísticos que mais servem a determinadas línguas do que a outras. A língua Kikongo será, enquanto língua materna, a língua de eleição, fundamentalmente na oralidade, para as narrativas tradicionais de seus locutores. Paralelamente falando, um português acharia, na linha da nossa análise, que a língua portuguesa não seria tão elegível para cantar o *tata nkento* (tia) ou *ngyele ku nzila kongo*, o hino nacional da nação kongo. Neste contexto, considera-se a existência de um certo número mais ou menos vasto (quando enumerado) de conteúdos de que uma língua, quase, “carismaticamente”, se apropria. Em suma, cada língua é um conjunto de traços de identidade a que qualquer vida humana fica vinculada. A identidade de cada língua é só uma, insubstituível. Quando se perde uma língua, se não se perder a identidade, perde-se, pelo menos, um instrumento versátil remissor à própria identidade. Pode-se concluir que a língua é um pilar estrutural que conecta cultura, sociedade e identidade, atuando como veículo de transmissão cultural e construtor de sentidos. Ela molda a percepção de mundo (identidade) de um indivíduo e fortalece o pertencimento a um grupo (cultura), sendo fundamental na interação social, afirmação de identidade nacional e na preservação de tradições

3.2 Língua materna, segunda língua e língua estrangeira

3.2.1. Língua materna (ou primeira) e seus factores definíveis

A expressão língua materna provém do costume em que as mães eram as únicas a educar os seus filhos na primeira infância, fazendo com que a língua da mãe seja a primeira a ser assimilada

pela criança, condicionando seu aparelho fonador àquele sistema linguístico. Qual é o sinônimo de língua materna? Língua ancestral, da qual deriva(m) outra(s); protolíngua. Segundo Mateus & Vallalva (2006, p. 87) “Língua que se fala em torno de uma criança durante os primeiros anos de vida e através da qual ela adquire o uso da língua”. Língua materna é a primeira língua que uma criança aprende e que geralmente corresponde ao grupo étnico-linguístico com que o indivíduo se identifica culturalmente. Ou é a primeira língua de comunicação. Ela também é chamada de idioma materno, língua nativa ou primeira língua. A língua materna, por exemplo, é aprendida de maneira natural, sem esforços, no núcleo familiar – daí o nome “materna”, dado que a mãe é o principal input – e nas relações sociais. Hoje em dia, pode-se dizer que muitas pessoas não têm a pureza da língua ancestral. Têm como língua materna aquela que, em condições normais, seria a segunda língua deles. É o caso de muitos africanos em geral e angolanos em particular que não falam as línguas nacionais legadas pelos nossos ancestrais.

Na situação de Angola, composta de vários grupos etnolinguísticos, é incompreensível que alguém se orgulhe ter o Português como sua língua materna. A língua é cultura e é inseparável a sua etnia. Como pode uma mãe angolana descendente de uma etnia de Angola (pais, avós e bisavós) e que mal conhece a cultura portuguesa pode transmitir valores da nação portuguesa ao seu filho para que tenha o Português como língua materna? Pode o peixinho nascido no aquário deixar de ser peixe pelo facto de não nascer no mar? Um menino Inglês nascido em Portugal, nunca aceitaria ter o Português como língua materna. O mesmo sucederia com o menino russo nascido na Alemanha e vice-versa. “As línguas maternas têm um papel fundamental em nossas vidas, pois são o meio pelo qual verbalizamos o mundo pela primeira vez, sendo as lentes pelas quais começamos a entendê-lo.” “A partir da língua materna, o aprendizado de outros idiomas deve ser uma das altas prioridades da educação no século XXI.” (Programa *Sexto Sentido* –TV ZIMBO, Luanda, 21 de Fevereiro de 2021). A questão que nunca vai se calar é: Qual é a sua língua materna?

Já vimos a definição da língua materna mas a sua caracterização só é possível se combinarmos vários factores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação social. Finalmente língua materna é a aquela ligada à mãe ou relacionada com ela. Assim, a língua materna, é a língua do país de origem e no caso de Angola é a língua da etnia de origem de cada cidadão. Para os Bakongo é a língua Kikongo. Para os Ambundu é a língua Kimbundu. Para os Ovimbundu é a língua Umbundu e assim por diante.

3.2.2. Segunda língua

Uma segunda língua é qualquer língua aprendida após a primeira língua. Não é necessariamente uma língua que está sendo numerada na ordem em que se é adquirida - o termo "segunda" está para o que é distinto da língua materna. Para Mateus & Vallalva (2006, p. 98), “língua não materna

(da maioria) dos falantes de uma determinada sociedade, ou de grupos de imigrantes, usada como meio de escolarização e como língua veicular nas instituições administrativas e oficiais. A aprendizagem da língua segunda faz-se normalmente no contexto escolar e permite a inserção do indivíduo no sistema sócio-político dominante, constituindo mesmo um factor de ascensão social.

3.2.3. Língua estrangeira

A língua estrangeira é aprendida de maneira artificial no país de origem do estudante, e, por isso, demanda esforços. Para Mateus & Vallalva (2006, p. 87) é a “língua não materna aprendida no contexto escolar que tem como finalidade ampliar conhecimentos, desenvolver pesquisas científicas e permitir contactos sociais de carácter internacional.”

4. Etnia, nação e estado

A palavra *etnia* é derivada do grego *ethnos*, significando povo que tem o mesmo *ethos*, costume, incluindo a língua, religião, etc. Etnia é colectividade de indivíduos: classe, cultura, ascendência, estirpe, grupo, linhagem, povo, raça. Portanto, entende-se que etnia é o pertencimento étnico-racial. A etnia engloba a herança cultural, histórica e social, fornecendo um sentido de pertencimento e conexão a um grupo específico. A identidade étnica é frequentemente reforçada pelo uso da língua própria, que funciona como um patrimônio cultural e resistência à assimilação. Cada etnia ocupa um espaço territorial exclusivo conhecido como sua terra. Esse espaço é uma nação ou um país.

Já nação é uma comunidade étnica, cultural ou linguística de indivíduos que são unidos por uma tradição comum. No caso de Angola, cada etnia corresponde a uma nação. E assim, as grandes nações de Angola que formam o estado angolano são: Ambundu, Kongo, Ovimbundu, Cokwe, Nyaneka-Nkhumbi, Ngangela, Lucazi, Oshihelelo, Kwanyama, Ndonga e o grupo Koisan.

Por termos falado da nação, somos impelidos a falar um pouco do estado. Contrariamente à nação, o estado é uma entidade administrativa que guarda o território. Dentro de um estado podem coexistir diferentes nações. É o caso de Angola e de África no seu todo em que os estados são formados por vários grupos étnicos ou nações com diferenças culturais e linguísticas. Portanto, os estados são as nações em todos os sentidos, mas há nações que não são estados soberanos. O nosso país é um exemplo, pois, nenhuma nação é um Estado soberano. Elas é que formam o estado angolano.

5. Interconexão entre língua e etnia

A língua é um instrumento de comunicação, sendo composta por regras gramaticais que possibilitam que determinado grupo de falantes consiga produzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se. Por exemplo: falantes da língua portuguesa. Para Signorini,

A língua materna e a etnia como pilares fundamentais na construção da identidade cultural e social

(2002, p. 76) a língua relaciona-se com sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A relação entre língua e etnia é intrínseca; a língua molda a cultura e a cultura influencia a linguagem. Em cenários como o de Angola, a coexistência de línguas nacionais e o português reforça uma identidade multilíngue e multiétnica, onde o mosaico cultural combina tradição e modernidade. Para Santana (2012, pp.50-51), a língua é um dos elementos que são adquiridos devido à integração dos indivíduos com seu grupo social ou comunidade linguística. Ela é um factor de identificação de uma nação, expressa a união de um povo e, por ser um factor de unificação, propicia a criação de uma consciência nacional. A identidade nacional faz com que o sujeito sinta a sensação de pertencimento a uma dada nação (etnia). A língua materna e a etnia são pilares fundamentais na construção da identidade cultural e social, agindo como marcadores de pertença, coesão grupal e transmissão de tradições. Enquanto a etnia fornece o enquadramento social e histórico, a língua materna expressa a visão do mundo e a memória de um povo.

6. Identidade e seus principais aspectos

A identidade é um processo dinâmico de construção contínua, moldado por interações sociais, culturas e trajetória histórica. O termo deriva do latim *identitas*, relacionado a *idem* ("o mesmo"). Identidade é o conjunto de características únicas, físicas, psicológicas, biológicas, culturais ou sociais, que definem um indivíduo ou grupo, permitindo diferenciá-lo dos demais (Pazze & Martinaz, 2010). É um processo contínuo de construção, baseado na auto percepção e na interação com o meio, que estabelece o sentido de "pertencimento" e "ser o mesmo" ao longo do tempo (ancestralidades). No contexto documental, especialmente em Angola e outros países lusófonos, o termo é comumente associado ao Bilhete de Identidade que é o documento oficial de identificação civil.

Diferentes áreas do conhecimento oferecem perspectivas complementares sobre os aspectos que a constituem:

Primeiro aspecto: Na sociologia Stuart Hall (2004) e Manuel Castells (2018), se destacam em Estudos Culturais argumentando que a identidade não é fixa nem essencial. Na pós-modernidade, ela é fragmentada, plural e está em constante transformação, moldada pelas interações, discursos e pela representação cultural. Com isso evidencia-se a *Identidade cultural* que diz respeito aos elementos que caracterizam um povo ou grupo social, como língua, religião, culinária, vestuário, música, tradições e modo de vida. Ela é formada por meio da convivência e das experiências compartilhadas pelos membros da sociedade, e pode se transformar ao longo do tempo. A identidade cultural é fundamental para o sentimento de pertencimento e para a preservação da diversidade cultural no mundo. No contexto angolano, *Identidade Cultural* significa o resgate e a valorização das línguas maternas e tradicionais que são vistos como movimentos de descolonização intelectual e afirmação cultural.

Segundo aspecto: Para o sociólogo e psicólogo, Zygmunt Bauman (2005), as identidades tornaram-se fluidas e mutáveis. O indivíduo moderno enfrenta o desafio de construí-las e reconstruí-las constantemente em um mundo de incertezas e de escolhas provisórias. Portanto, a identidade é uma construção dinâmica evoluindo através de relações, vivências e o contraste com o outro.

Terceiro aspecto: Na psicologia Erik Erikson (1968), é o teórico central da "crise de identidade" na adolescência ao argumentar que a identidade é uma concepção de si mesmo que integra valores, crenças e metas. É a capacidade de o indivíduo manter uma continuidade e coerência interna ao longo do tempo.

Quarto aspecto: Na microsociologia visitamos Erving Goffman (1963) que foca na "identidade social" e na "apresentação do eu". O autor sugere que a identidade é moldada nas interações diárias através do gerenciamento de impressões, onde usamos "máscaras" e papéis sociais para nos apresentarmos aos outros. Também designada identidade colectiva, suscita o sentimento de pertencimento a grupos, culturas, nações ou religiões, compartilhando história e costumes

Quinto aspecto: Claude Dubar (1998) afirma que a identidade é um processo de socialização. Para ele, a identidade resulta da articulação entre duas dimensões: a identidade atribuída (aquilo que os outros e as instituições dizem que você é) e a identidade assumida (aquilo que o próprio indivíduo constrói e aceita para si). Aqui está a *identidade legal* definida pela documentação oficial (como Bilhete de Identidade em Angola) que comprova a identidade de um indivíduo para o Estado

Sexto aspecto: John Locke (1999) que se destaca na filosofia abordando a *identidade pessoal* a partir da consciência e da memória. Para ele, a identidade pessoal reside na continuidade da consciência e da memória "eu" ao longo do tempo. A pessoa é a mesma não por ter a mesma alma ou o mesmo corpo contínuo, mas porque consegue se reconhecer como o mesmo ser pensante em diferentes momentos e lugares, ligando suas experiências actuais às passadas. Por outras palavras, a identidade pessoal são os traços internos, personalidade, histórico e escolhas que tornam alguém único.

7. A Cultura e os principais elementos dos valores culturais

A cultura, inseparável da língua, é nas palavras de Terry Eagleton (2005, p. 55), "o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico" regido pela língua. É por meio desta que a cultura se constitui, é difundida e transmitida às gerações futuras. É assim que a linguagem é essencial para a formação da identidade pessoal, permitindo a expressão e interação social. Não há cultura sem língua e nem língua sem o suporte de uma cultura. A cultura é uma produção humana, produto de uma colectividade, resultante do acúmulo de conhecimentos e experiências de gerações. Ela passa por modificações, acréscimos e enriquecimento contínuo, num processo dinâmico e colectivo.

A linguagem manifesta-se em todas as actividades sociais e culturais, constituindo a base da transmissão cultural, dos sistemas de valores e das tradições que caracterizam a sociedade

humana. É uma capacidade natural que não carece de justificação. Está de tal modo ligada à experiência do homem que é impossível imaginar a vida sem ela, uma vez que constitui um instrumento essencial para aceder aos pensamentos e conhecimentos. Pressupõe um sistema codificado, que quando está enraizado e é próprio de uma determinada comunidade, se traduz numa Língua (Asha, 1982. s.p.).

Valores culturais são crenças, princípios e tradições compartilhados que moldam a identidade de um grupo, influenciando comportamentos e interações sociais. Eles definem o que é considerado importante ou correcto dentro de uma comunidade, sendo transmitidos entre gerações através de costumes, arte, gastronomia e religiosidade. Os valores culturais determinam o que é considerado certo ou errado, bom ou mau. Por exemplo, a valorização da liberdade é um valor fundamental em muitas sociedades ocidentais. Crenças: referem-se às convicções que as pessoas têm sobre o mundo, muitas vezes influenciadas pela religião, ciência ou tradição.

Tradição: Compromisso com rituais e costumes herdados dos antepassados.

Identidade nacional e cultural: Sentimento de pertencimento a um grupo com história comum.

Religiosidade e espiritualidade: Crenças e devoções práticas.

Gastronomia: Sabores e modos de cozinhar típicos.

Arte e estética: Expressões de beleza e criatividade de uma região.

Educação e respeito: Métodos de ensino e convivência social.

Além de Valores Educativos, como a empatia, a igualdade de oportunidades, o respeito ao meio ambiente, o cuidado da saúde, o pensamento crítico, na escola se ensina também os cinco valores sociais como respeito ao próximo, honestidade, amor, liberdade, justiça, entre outros.

8. A língua materna e a etnia como pilares da identidade

A língua materna é um componente central da identidade, conectando gerações, transmitindo herança cultural e moldando a percepção da realidade. Ela age como um código de solidariedade, permitindo o reconhecimento mútuo entre os membros de um grupo e a diferenciação de outros.

Património cultural: A língua materna é o veículo principal da cultura, transmitindo histórias, experiências e visões de mundo de geração em geração.

Solidariedade e diferenciação: Funciona como símbolo de união, facilitando a coesão do grupo e diferenciando membros de estrangeiros.

Conexão emocional: Fundamental para o desenvolvimento da autoestima e para a sensação de se sentir “em casa” e compreendido.

Segundo o antropólogo norueguês Fredrik Barth (*apud* Poutignat & Streift-Fenart, 1998, p. 141), a identidade étnica se expressa pelo acto de um grupo que se identifica a si mesmo e é identificado pelos outros. Desse modo, a construção da identidade étnica tem na auto-afirmação sua grande base fundadora.

Sentido de pertença: A etnia, engloba heranças partilhadas, oferece uma estrutura de conexão social e sentido de grupo.

Construção dinâmica: Não é apenas biológica, mas social e histórica, construída ao longo do tempo.

Distinção: A identidade étnica é o acúmulo de heranças culturais que permitem diferenciar grupos sociais.

9. A relação entre língua, cultura, identidade e sociedade e os principais factores da perda da identidade

A relação entre língua, identidade e cultura é imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade é construída por meio desta e da cultura, conforme esclarece Chauí (2006, p.28).

Língua e cultura: A língua é um patrimônio social que preserva saberes, crenças, valores e tradições de um povo, refletindo o modo como uma sociedade interage com seu entorno.

Língua e identidade: Funciona como um factor constituinte do ser humano, sendo o principal elemento na construção da identidade cultural e social, permitindo a autoidentificação e a distinção de outros grupos.

Sociedade e cultura: A cultura, como conjunto de modos e saberes adquiridos, é inerente à condição humana colectiva, o que torna o grupo social o contexto onde a identidade se forma e é constantemente transformada.

Hoje vivemos uma ruptura abismal entre a velha geração conservadora e a nova vulnerável a todo tipo de vendavais que sopram a partir do ocidente que fundou a aldeia única chamada globalização. Nesta aldeia destacamos quatro principais assassinos da identidade cultural dos povos menos desenvolvidos ou melhor dos então países do “Terceiro Mundo” (África, América Latina e Ásia), hoje designados “países em vias do desenvolvimento” ou “países emergentes” :

Globalização: Sem dúvidas, a globalização é a principal via de disseminação rápida de produtos, ideias e valores ocidentais que padroniza comportamentos que diluem as identidades locais

Avanço tecnológico e redes sociais: É o segundo factor que grandemente contribui para a crise da identidade cultural, sobretudo, da juventude dos povos emergentes, pois, por meio delas há uma exposição contínua a diversas culturas online que gera um “descentramento”, que leva o indivíduo a perder a conexão com as suas raízes.

Mudanças sociais e económicas: A crise da identidade cultural e social se acentua a medida que vamos vivendo as transformações duradouras nas nossas estruturas, normas, valores e instituições da nossa sociedade. Esse fenómeno certamente está alterando o nosso modo de vida e a nossa tradicional organização colectiva. Impulsionadas por tecnologia, economia e movimentos sociais, elas redefinem relações de trabalho, família e cultura. As mudanças sociais são contínuas e trazem efeitos duradouros que afectam gerações. Por um lado, elas são boas pois pode resultar em maior inclusão, redução de desigualdades e melhoria na qualidade de vida, mas também é responsável pela instabilidade, conflitos de valores e exclusão social que vivemos hoje.

A língua materna e a etnia como pilares fundamentais na construção da identidade cultural e social

Ausência de políticas de preservação: O governo angolano nunca apresentou uma política de preservação da identidade cultural e linguística consistente. Então, a ausência de valorização de tradições, línguas e costumes locais do nosso país contribui para seu esquecimento e sua degradação gradual.

Conclusão

A breve discussão sobre o tema “A língua e a etnia como pilares fundamentais da identidade cultural e social” trouxe a luz a seguinte conclusão:

A discussão demonstra que a língua materna e a etnia são pilares fundamentais na construção da identidade cultural e social, agindo como marcadores de pertença, coesão grupal e transmissão de tradições. Enquanto a etnia fornece o enquadramento social e histórico, a língua materna expressa a visão do mundo e a memória de um povo.

Também da pesquisa resulta que a língua é um pilar estrutural que conecta cultura, sociedade e identidade, atuando como veículo de transmissão cultural e construtor de sentidos. Ela molda a percepção de mundo (identidade) de um indivíduo e fortalece o pertencimento a um grupo (cultura), sendo fundamental na interação social, afirmação de identidade nacional e na preservação de tradições.

É papel dos pais ensinar a língua materna aos filhos para que seja preservada a identidade e estimular os filhos amarem a etnia de origem e com ela se identificarem, independente mente do lugar do seu nascimento, pois são pilares fundamentais na identidade cultural e social de cada um de nós num país multinacional ou multiétnico.

Referências bibliográficas

Asha, A. (2024). Língua como elemento constitutivo da identidade e cultura. *Foco* 17(6), 1-22.

DOI: [10.54751/revistafoco.v17n6-047](https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n6-047)

Barth, F. (1984). Problems in conceptualizing cultural pluralism, with illustrations from Sohar, Oman. In D. Maybury-Lewis (Ed.), *The prospects for plural societies* (pp. 77–87). American Ethnological Society.

Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Chauí, M. de S. (2006). *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Castells, M. (2018). *O Poder da identidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Afonso Teca (2026).

Comissão Nacional da Unesco (fev. 2026). Dia Internacional da Língua Materna, 21 de fevereiro de 2026: *As vozes da juventude sobre a educação multilíngue*. Palácio das Necessidades, Lisboa.
<https://www.unesco.org/en/days/mother-language?hub=6333>

Coracini, M. J. (2003). Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade, in M. J. Coracini (Org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades* (pp. 139-160) Editora da UNICAMP.

De Saussure, F. (2002). *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix.

Dubar, C. (1998). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.

Eagleton, T. (2005). *A idéia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP.
DOI: 10.5380/rel.v70i0.5945

El-Enany, K. (fev. 2026). Message de M. Khaled El-Enany, Directeur général de l'UNESCO, à l'occasion de la Journée internationale de la langue maternelle. *UNESCO: Program and Meeting Document*.
https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000397416_fre

Erikson, E. H. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York: W. W. Norton Company.

Fishman, J. A. (1967). Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues* 23, 29-38.
DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1967.tb00573.x>

Goffman, E. (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Hall, S. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Hymes, D. H. (1974). *Foundations in sociolinguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Locke, J. (1999). *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.

Mateus, M.H.M & Villalva, A. (2006). *O Essencial sobre a linguística*- Lisboa: O Caminho.

Martinazzo, C. J. (2013). Identidade Humana: Unidade e Diversidade Enquanto Desafios para uma Educação Planetária. *Revista Contexto & Educação* 25(84), 31–50.
<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2010.84.31-50>

A língua materna e a etnia como pilares fundamentais na construção da identidade cultural e social

Poutignat, P.; Streiff-Fenrart, J. (1998). *Teorias da etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução Elcio Fernandes 2ª Reimpressão. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

Sankoff, G. (1982). The social life of language. Resenha de Paul Stoller *Language in Society* 11(1), 105-109.

Santana, J. D. de. (2012). Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português. *Linha D'Água* 25(1), 47-66. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i1p47-66> DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i1p47-66>

Signorini, I. (Org.) (1998). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras.

Tamba, P.; Timbane, A. A. (2024) A política e o planejamento linguístico na África: caminhos para a valorização das línguas africanas. *Revista InterteXto* 17(1), 10-18.
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v17i00.5913>

UNESCO. (2026). International Mother Language Day. *UNESCO*.
<https://www.unesco.org/en/days/mother-language?hub=6333->